

Manoel Bomfim: Intérprete do Brasil (III)

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 16.05.2008

Outro aspecto que considero relevante no pensamento de Manoel Bomfim é o de evidenciar o caráter de classe do estado brasileiro, incorporando uma concepção claramente marxista “Em toda sua obra, Bomfim realizou uma análise penetrante do caráter classista, intrínsecamente tirânico e antipopular do estado brasileiro”(Ronaldo C. Aguiar, “Um rebelde esquecido”, p.500).

Para demonstrar como o estado brasileiro era classista, entre outros aspectos, ele analisa o orçamento e as despesas da República, com os dados disponíveis até então.(1903) e mostra como apenas 15% vão para serviços de interesses coletivos “é monstruoso que num país onde para um orçamento de 300 mil contos, 72 são para a Força Pública e apenas 3.200 para educação e cultura.... (...) e não se gasta nem um vintém para fomentar a instrução da massa popular”.

Passados mais de um século, o que mudou em termos de prioridade dos gastos do Estado? Quais são os recursos, por exemplo, para as Forças Armadas em comparação com os gastos para Educação e Cultura, para ficarmos apenas nestes exemplos?

Bomfim também critica os impostos, afirmando que o imposto deveria ser progressivamente proporcional aos recursos de cada contribuinte e o estado brasileiro não apenas era injusto na distribuição de riquezas e cobranças de impostos, como ao arrecadá-los não o empregava em serviços de interesses geral.

O estado nacional se comporta, para o autor, como mero intermediário entre os interesses da Metrópole no período colonial e , do capitalismo internacional, no Império e República (destacando no final de século XIX e início do século XX, o papel da Inglaterra e dos Estados Unidos nesse processo).

Com diz Luis Nassif (Folha de S. Paulo, 31/12/2000) “no início do século, Bomfim contemplou não apenas a face tétrica das elites, mas – e ai dele! - a nação que poderia ser. E aí nunca mais foi feliz. Entendeu o papel fundamental da educação e não conseguiu convencer nenhum dos seus contemporâneos.

Foi o autor da mais sincera elegia jamais feita ao povo brasileiro. Desmascarou as teorias raciais e mostrou que o problema estava nas elites, pois a miscigenação criara uma raça criativa e cordata, mesmo nos locais tidos como violentos (...) viu, de imediato, a pequenez, oportunismo, o imediatismo de todos aqueles a quem a historiografia oficial prestou homenagens – de Pedro II a Floriano, de Campos Salles aos tenentes”.

A educação para Bomfim era fundamental e preconizava com saída para superação do atraso. Uma educação pública, popular e massiva. Mas se isto está presente no livro “América Latina: males de origem” ele mudou muito depois, especialmente ao escrever o livro “Brasil Nação” (1931) no qual, analisando a experiência no Brasil e da América latina, tem clareza de que as elites dominantes jamais farão às mudanças necessárias pela via da educação e passa a defender uma revolução popular nacionalista, tendo o povo como protagonista, nos moldes do que ocorrera no México. O estado é apenas cúmplice do processo de exploração e, fazendo alusão à Comuna de Paris (1870) mostra, exemplificando com Marx (“A Guerra Civil na França”) a importância de esmagar e destruir a máquina estatal burguesa como “única via para uma revolução popular”.

Era Manoel Bomfim um revolucionário? Certamente, mas muito mais um nacionalista radical, que amou o Brasil, mas sem a visão otimista, por exemplo, de Afonso Celso (“Por que me ufano do meu país”). Com afirma Ronaldo C. Aguiar “a obra de Bomfim constituiu uma análise abrangente do desenvolvimento desigual da formação social brasileira. Seu objetivo principal era diagnosticar e apontar as formas de superação dos “males de origem”, com vistas ao progresso da nação”.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br